



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA LEONOR BRENNER CEIA RAMOS

(entrevista)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-647

Entrevistada: Maria Leonor Brenner Ceia Ramos

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Brasília, DF

Entrevistadoras: Adriana Gomes Zimmermann Fontanella e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 17/12/2016

Transcrição: Silvana Vilodre Goellner

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 53 minutos e 09 segundos

Páginas Digitadas: 20 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Experiências com o esporte e o lazer; Atuação como atleta de basquetebol; Envolvimento com escolinhas esportivas; Atuação no Ministério do Esporte; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Atuação como formadora de agentes sociais; Atividades desenvolvidas; Atuação como articuladora regional; Programa Esporte e Lazer da Cidade - Povos Indígenas; Importância do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Relevância das políticas públicas de esporte e lazer.

Brasília, 17 de dezembro de 2016. Entrevista realizada com Maria Leonor Brenner Ceia Ramos a cargo das pesquisadoras Adriana Gomes Zimmermann Fontanella e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. - Inicialmente eu queria te agradecer por te dispor a nos dar essa entrevista e eu queria que tu começasse falando do teu envolvimento com a temática do esporte e lazer.

M.R. - Bom, eu não era da área do lazer, sou da área do esporte. Me formei aqui na UFRGS¹ e na época a gente fazia faculdade porque jogava alguma coisa. Então, o lazer entrou na minha vida porque, quando eu vim para Porto Alegre trabalhar na Secretaria de Esportes² e aqui do município que eu comecei a oficialmente reconhecer o lazer como matéria de estudo. Eu trabalhei na SME na época.

P.J. - E o esporte e o lazer no geral, na tua vivência... Pode ser desde a infância, se tu viveu alguma coisa disso.

M.R. - Bom, eu trabalhava em Porto Alegre como técnica de basquete no Grêmio Náutico União quando eu estava aqui estudando na UFRGS, sou jogadora de basquete, era da seleção gaúcha, brasileira, essas coisas e recebi um convite em 1987 para ir para Piracicaba³ trabalhar com a técnica da seleção brasileira de basquete, na época, era a Maria Helena, a Heleninha⁴. Eu fui com o meu ex-marido e eu fiquei sete anos em Piracicaba e lá eu trabalhei com iniciação esportiva, eu tinha escolinhas esportivas... Como eu trabalhava com a seleção brasileira, era puro rendimento, só que eu fiz um trabalho de massificação esportiva com meninas da cidade, eu tinha 1.500 alunos em uma cidade de 300.000 habitantes, era até doze anos e tinha campeonatos comunitários que envolviam vinte e sete, trinta equipes. Então eu trabalhava na verdade o aspecto que não era competição exclusiva, eu trabalhava com todo o mundo e recebi muitas críticas tipo: ela está trabalhando com muita gente, gastando energia para trabalhar com muita gente, quando um time só são doze

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Secretaria Municipal de Esportes (SME)

³ Município do Estado de São Paulo.

⁴ Maria Helena Cardoso.

peessoas. Mas aí eu optei por trabalhar com mais gente e daquele monte de gente eu pensei que era mais fácil, achar as melhores. E aí quando a gente achava pessoas que tinham o dom, que queriam competir, a gente mandava direto para as equipes selecionadas e eu trabalhava, digamos assim, com as outras. Eu fiquei esse tempo lá e teve uma época que eu tive que escolher se eu ficava na competição ou na não competição. E lá a competição é o que significava dinheiro, não é? Ganhavam para jogar, aquelas coisas todas, e eu optei por me demitir do grupo da seleção e ficar na Prefeitura trabalhando com a periferia. Eu trabalhei com outras modalidades e trabalhando eu acho que aí eu conheci o lazer porque eu tive que escolher. Nunca deixei de jogar competição, lá eu jogava ganhando dinheiro e como eu achava bom jogar e ganhar e tal, eu achava que outras pessoas também deviam ter a chance. Então, quanto mais pessoas conhecessem a modalidade e tivesse a oportunidade de, sei lá, jogar, se sentir bem, ganhar dinheiro, era essa a minha função lá. Aí eu só voltei a Porto Alegre porque eu engravidei do segundo filho e estava separada, então, tive que voltar. Aí aqui eu vim, fiz concurso na Prefeitura, trabalhei na SME, que já tinha iniciado em 1993 e eles me convidaram para compor o grupo da SME.

P.J. - Onde é que tu é formada? Na UFRGS, na Educação Física?

M.R. - Sim, aqui na ESEF.⁵ Daí quando eu fui para a SME, era muito parecido com o trabalho que eu fazia lá nas praças, no centro de comunidade, lá em Piracicaba, que era trabalhar com a periferia, trabalhar com todas as modalidades, trabalhar em praças, trabalhar ao ar livre, pegar gente de tudo que é faixa etária. E acho que... Foi uma coisa feliz assim, uma oportunidade boa. Aí eu fui trabalhar aqui nas praças, e a Rejane⁶ era a Secretária, tinha esse povo todo que trabalha até hoje lá e que, na verdade, lutou para ter uma Secretaria de Lazer em Porto Alegre e eu me juntei a eles.

P.J. - E como é que tu conheceu o PELC⁷?

M.R. - Aqui em Porto Alegre tinha, desde que foi criada a Secretaria em 93, tinha um projeto piloto que era Programa Entrada da Cidade, que era lá na Vila Navegantes, que tinham muitas casinhas, um agrupamento, que na época chamavam de malocas. Casas mais

⁵ Escola Superior de Educação Física.

⁶ Rejane Penna Rodrigues.

⁷ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

simples e a Prefeitura queria é urbanizar aquilo ali e melhorar assim o aspecto da entrada da cidade e fizeram esse projeto. Foi na mesma época do PELC, que eu acho que é de 2013. Foi um pouco antes de ter essa história, quando o Pelé⁸ foi Ministro e que estava iniciando o Ministério⁹. E a gente fazendo aqui em Porto Alegre, com a Rejane de Secretária, fazendo o Programa Entrada da Cidade e o PELC no Ministério. Quando ele foi criado, na verdade, ele pegou exemplos daqui de Porto Alegre, desse trabalho que era feito ali, de Caxias do Sul, de Mato Grosso, de outras cidades, acho que de Recife também. E acho que Porto Alegre teve *muita* influência na criação do PELC, acho mesmo, porque são muito semelhantes. E em seguida a Rejane foi para lá como Secretária, então tinha pouco tempo de vida, o PELC como programa nacional e por isso que eu acho, na minha opinião que ele, apesar de ter começado de um jeito com influências diversas, ele pegou mais características do que se fazia aqui na cidade. E aí a gente foi para lá em 2005, tomou pé da Secretaria lá e... Porque aqui em Porto Alegre, quando a gente tinha o Programa Entrada da Cidade e tinha Ônibus Brincalhão¹⁰ e tinha esses programas todos aqui da Secretaria de Esportes, a gente também fazia ajudava outras cidades daqui do Estado a também conhecer essa linha de trabalho com recreação, lazer, que como Caxias¹¹, por exemplo, e outras. Então teve aqui um grupo de pessoas que lutavam pela temática do lazer e que estavam no mesmo lugar e no serviço público e que espalharam, no caso, esse conhecimento para outros lugares e inclusive influenciando bastante a criação do programa lá no Ministério. Quando a Rejane foi lá, em 2005, ela chamou a gente, praticamente o grupo que ela conhecia daqui e que ela sabia do trabalho porque a gente já conhecia o projeto e não precisava explicar tanto como era. E nós fomos para ajudar nas formações lá.

P.J. - Isso foi no ano de 2005?

M.R. - Em 2006 que nós começamos nas formações porque ela foi para lá no fim de 2005, acho que foi. Ela estava aqui ainda em 2004 quando trocou o governo e eu tenho a impressão que ela foi lá pelo meio do ano de 2005. Eu não me lembro bem quando é que

⁸ Edson Arantes do Nascimento.

⁹ Ministério do Esporte.

¹⁰ Ônibus adaptado contendo biblioteca brinquedos e jogos que circulava de forma itinerante pelos bairros da cidade.

¹¹ Caxias do Sul.

nós fomos, mas eu sei que no começo de 2006 a Rejane já entrou em contato com a gente para saber se a gente topava essa tarefa aí.

P.J. - E como é que foi essa preparação de vocês para serem formadores do PELC? Teve algum um curso específico ou orientações de como vocês deveriam executar essa tarefa?

M.R. - Teve. Teve, sempre a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, que era a da Rejane, sempre fazia encontros nacionais com as pessoas para poder conversar sobre as diretrizes, sobre os objetivos e tal. Mas eu também lembro que a gente teve em 2006 alguma coisa com a Escola Aberta¹², por que? Porque estava iniciando também o Escola Aberta e a Rejane que estava lá no Ministério organizou junto com o pessoal dela lá, um grupo para formatar os cursos de formação do Escola Aberta, que também estava começando e pegou o pessoal do PELC para fazer isso. Então, praticamente os cursos para lançar o Escola Aberta foram criados a partir da experiência do PELC. E aí, como eu fiz parte desse grupo do Escola Aberta em 2006, a gente trouxe para o PELC já, porque estava iniciando também. E a gente fez um grupo aqui no sul de formadores, que a Regiane pediu, e a gente fez praticamente com a mesma formatação do curso da Escola Aberta. Foi quando a gente começou a entrar em contato, pegando as nossas experiências práticas daqui de Porto Alegre. A gente pegou o curso do Escola Aberta, do pessoal e que foi mais ou menos estruturado e, no início era assim, todo mundo tinha resolveu fazer assim uma apresentação mais ou menos formatada para ter da onde sair. E dali tu escolhia como seria as apresentações comuns e tal, pelo menos as institucionais, filmes institucionais e a gente usava e dava a cara mais da nossa prática.

P.J. - E como é que é era essa articulação como grupo. Se concentrava mais na Região Sul ou vocês tinham conversa com outros grupos?

M.R. - A gente tinha conversa com os outros grupos quando eram os encontros nacionais, não é? Mas a gente trabalhava aqui no Sul, a gente tinha aqui um grupo aqui da Prefeitura de Porto Alegre. Nós éramos, acho que nove ou dez pessoas e a gente fazia assim: quando era para fazer curso de formação do PELC, que eram quatro dias, cada curso ia um formador para fazer o curso. Mas nós resolvemos no nosso grupo que a gente iria sempre

¹² Programa Escola Aberta.

em duplas e ficava mais rico e como a gente estava também começando, não era justo os agentes terem a informação de *uma* pessoa. Então a gente sempre ia de dupla, às vezes até de três. E tinha uma bolsa, um pagamento para o curso, então, se tu ia, tu recebia o pagamento e tu fazia os quatro dias do curso. E a gente abriu mão, a gente preferia ir de dupla e dividir o pagamento para poder aprender e para poder enriquecer os cursos e esse foi o diferencial desse grupo. Então sempre que tinha uma formação agendada, o grupo todo se reunia, a gente planejava junto toda a formação, dava aquele curso básico, trocava, alterava, via para onde é que ia, determinava quem é que ia. Tinha uma tabela que tinha o rodízio de quem ia para cada formação, só que todo o grupo arrumava o curso e então era muito tranquilo. A gente fazia um estudo em paralelo em 2006 e 2007 a gente se dispôs a fazer encontros e todo mundo ia.

P.J. - Depois que a UFMG¹³ entrou no PELC algumas coisas mudaram em relação à formação e tu acompanhou esse processo. Como é que como se deu essa mudança e o que tu notou de mais positivo ou também de negativo antes e depois da UFMG?

M.R. - Quando começou em 2006, eram poucas pessoas, foram mais a convite. Em 2007 já aumentou muito o número de formadores, então tinha 71 ou 72 pessoas que eram formadores no Brasil inteiro. Mas como não tinha ainda um critério de quem ia, era mais a entidade que escolhia quem ia, então ficava muito chato, porque tem gente que não se colocava assim, não se oferecia praticamente e não fazia formação. Então o Ministério nessa altura resolveu reorganizar isso aí e foi feito o edital para a seleção de formadores, para oficializar também, não é? E para justificar porque que tu era formador e tu não era tal e se fez um edital com regras e a UFMG entrou, eu acho que foi em 2010. Foi isso, porque aí já estava consolidado esse programa de formação, já fazia parte do PELC e já tinha uma importância diferenciada a formação e a UFMG entrou para estudar melhor os conteúdos, porque assim, no Ministério trabalhavam mais ou menos umas quarenta pessoas no máximo, contando os técnicos, os CC¹⁴s de todo mundo, estagiários. Então não tinha gente para estar lidando com essa questão pedagógica, tu tinha que formar um grupo pedagógico e o grupo que cuidava das formações era um grupo muito técnico, tinha pouquíssima gente e não tinha... Era muito convênio na época e não tinha como alguém lidar ainda mais na

¹³ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁴ Cargos de Confiança.

preparação e no acompanhamento de 70 formadores do Brasil inteiro. E as viagens, era impossível, não se conseguia ir e ficou muito solto. Então a UFMG veio para fazer essa parte pedagógica e para acompanhar as informações, porque o Ministério recebia os relatórios de formação, mas tu não tinha muito o que fazer com eles, porque não tinha gente para... Tu até tentava, analisava, mas não tinha como ir lá e chamar o formador e falar com ele, porque era muita gente espalhada pelo Brasil inteiro. Não tinha assim, facilidade de estar viajando e lá no Ministério a gente não tinha ligação com universidade. A gente estava lá trabalhando a parte técnica e acho que foi uma ideia da Rejane, ela convidou o Hélder¹⁵ para ver se ele topava porque a UFMG já tinha uma especialização em lazer no Brasil e tinha todas as condições de fazer essa parceria. E acho que foi um salto de qualidade bem grande no programa, na minha opinião. No começo não foi fácil, mas acho que depois ajustou. Ainda bem que o grupo do Hélder, que também não tinha gente para fazer isso, mas tinha mais que o Ministério na época porque podia lidar direto com alunos, como professores que estavam estudando. A gente lá não conseguia estudar, não conseguia tempo, apesar da Rejane ter conseguido fazer um mestrado não sei como. E a Cláudia¹⁶ que está fazendo, mas lá era muito difícil de tu sair do serviço e fazer, porque tu era o tempo inteiro, tu era *full time* do Ministério, fim de semana, à noite. Então não dava para a fazer esse acompanhamento e ficar exclusivo para isso, porque tu fazia tudo.

P.J. - Quais funções que tu já desempenhou dentro do PELC?

M.R. - Eu entrei como formadora e aí eu fui trabalhar mesmo em Brasília com a Rejane em 2008. Eu trabalhei lá na SNDEL¹⁷, eu fui coordenadora, fui chefe de gabinete, fui diretora e saí de lá em 2011 e daí eu não era nada. Passei a não ser nada. [RISOS] Daí teve um edital para formadores de novo, para reduzir o número, porque também tinha menos convênios e também na época para consultor regional. Até foi aqui na UFRGS e Hélder veio aqui fazer o edital. Fizeram um para ter um consultor regional em cada uma das regiões, cinco consultores precisavam. E aí eu participei desse concurso e eles me escolheram para ser consultora do Sul em 2011. Daí eu retornei ao Programa assim.

¹⁵ Hélder Ferreira Isayama.

¹⁶ Cláudia Rejane Bonalume.

¹⁷ Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer.

P.J. - E como foi essa tua experiência, assim, de atuar em diversas áreas dentro do PELC? Como que tu vê isso hoje?

M.R. - Hoje essa função que eu desempenho é de articuladora regional. Antes tinha região, agora a gente está também eliminando essa coisa da região. Foi um privilégio ter visto por todos por lados e ter conhecido esse monte de gente. É um privilégio, é uma coisa mais do que a tua profissão. A minha profissão, eu sou professora de Educação Física e tudo, mas essa parte do PELC para mim nunca foi minha profissão, sempre foi uma coisa do diferente, o diferencial. Tem duas coisas que são diferenciais: antes era jogar basquete e continuo, mas o PELC também é um outro diferencial. São coisas que ajudam o teu desenvolvimento pessoal. Não profissional... Profissional, claro, tem todas as... Hoje eu estar vinculada ao PELC está me fazendo estudar muito. Eu estou fazendo o curso de Especialização em Lazer na UFMG. E se não fosse o PELC, eu não ia estudar porque na UFRGS não tinha lazer, nunca teve lazer. Agora deve ter, mas na época não tinha. Quem fazia Educação Física, não ia estudar lazer, nem se falava nisso. Então, eu nunca fiz. A agora estou fazendo por causa do PELC.

P.J. - E tu teve colegas quando tu era formadora, teve colegas que agora tu é articuladora. E como é que é essa experiência assim dele estar de um lado e agora tu passar para outra função?

M.R. - Aqui o grupo da Prefeitura foi sempre assim, tipo, o Gilmar¹⁸ já foi até Secretário de Esportes, agora é formador. A Silvana¹⁹ já foi secretária em Caxias ou diretora, alguma coisa assim, e agora está no grupo do PELC. Então a gente uma hora está em um lado, depois está em outro, então as funções que a gente desempenhou, acho que são legais. Até teve uma época, até comentei com a Rejane quando era Secretária, eu acho que tinha que pegar esse povo aqui botar cada ano, trocar quem é o coordenador ou gerente para sentir na pele, para depois que voltar para a ponta - porque eu acho sempre que tem que voltar – para tu depois dar uma qualificada no trabalho. E aqui na Prefeitura, todo mundo já foi tudo. A Eneida²⁰ já foi diretora de lazer, o Luiz Bohrer²¹ foi fundador do PELC, trabalhou

¹⁸ Gilmar Tondin.

¹⁹ Silvana Regina Echer.

²⁰ Eneida Feix.

²¹ Luiz Carlos Vianna Bohrer.

na SME como professor, trabalhou em um monte de coisa, foi gerente de eventos, foi aqui diretor de esportes do Estado, hoje não é formador, mas foi também. Então o cargo não é a questão, nunca foi. Só que alguém tem que ter o cargo, porque senão o grupo não vai para lugar nenhum. É bom que reveza.

P.J. - E tu trabalhava exclusivamente com o PELC Tradicional ou tu trabalha com o Programa Vida saudável, com o PELC Forças Armadas?

M.R. - Antes não tinha o Vida Saudável, foi a mais novo. Antes o PELC era tudo, era o PELC. Aí depois tinha um braço, o PELC e o PELC Vida Saudável. Agora viramos dois programas. Eu trabalhei também com o PELC Indígenas, não é? O Ministério, uma das minhas atribuições era trabalhar mais, desde 2008 para 2011, eu era responsável pelas ações com indígenas, solidárias da PELC. Fiz a aproximação indígena que a gente fez em 2008, depois a gente conseguiu fazer os primeiros convênios com o PELC Indígena, que não era fácil porque tinha o SICONV²². Nunca tinha tido em Porto Alegre trabalho com indígenas e quando eu fui para lá eu lidei bastante com o indígena. Eu ajudei os Terenos a organizar os X Jogos dos Povos Indígenas em 2010 em Paragominas, no Pará e até hoje tenho relação com eles. Não fui nos Jogos Mundiais porque também não tinha função nenhuma, e achei que não ia, mas tenho contacto com eles, admiro, acompanho.

P.J. - Conta para a gente como foi esse início do PELC Povos Indígenas, como é que surgiu essa articulação com eles?

M.R. - Eu acho que começou em 2008. Quando eu cheguei no Ministério tinha uma pendência lá com os Waiwai, que nos jogos de Recife, os Waiwai tinham ficado pelo caminho, eles são lá do Pará, mas lá perto de Roraima. Eles moram lá em cima, perto da Guiana, e estava tudo certo para eles irem para jogos, a aí eles ficaram, acho que foi em Santarém²³ porque não veio transporte ou não deu. Eles ficaram um tempão lá e não foram em Recife. E aí a Rejane, como Secretária, prometeu que ia organizar alguns jogos para eles. E aí eu cheguei em 2008, não é, tipo, qualquer coisa, me diverte. E aí a Rejane me falou: “Tu tem uma tarefa, vai ter que ir lá nos Waiwai e fazer os jogos que eu prometi”. E

²² Sistema Nacional de Convênios.

²³ Município do Estado do Pará.

aí eu fui, fiquei lá uma semana com eles, demorou cinco dias para chegar, mas tudo bem. E nós fizemos uns jogos lá, só para eles. Eram 1500 indígenas, só da etnia Waiwai, com alguns convidados de fora. Então eu fui lá, fizemos jogos e eles tiveram um monte de demandas: “A gente também quer programa de Ministério, a gente também quer isso, também quer aquilo”. Eram dez caciques. Depois que eles me prenderam e me soltaram, voltei para Brasília e a gente tentou atender. E como a gente teve contato com a liderança lá, a gente conseguiu que a Associação Mapuera se vinculasse ao Ministério e fizesse o PELC. Não foi fácil, porque era o SICONV e o indígena com um computador, nem pensar. Então a gente deu todo o apoio lá do Ministério e mais uma funcionária lá da prefeitura que era estudiosa e fazia uma pesquisa com eles da água. Eu fui para aldeia duas vezes, na primeira formação eu fui e a gente não tinha nem ideia de como seria. Ainda mais alguém chegar lá e não fala a língua e eu e a Cláudia fomos lá para fazer a primeira formação. A dos Terenas foi mais fácil, porque era Mato Grosso, era na cidade. Algumas aldeias era difícil chegar porque não tinha acesso, tinha que viajar de barco, canoa ou aqueles monomotor, que era o jeito de chegar. Não tem como chegar, não tem estrada, não tem nada, é no meio do nada.

P.J. - E qual a diferença dessas formações mais tradicionais para a deles?

M.R. - Toda, não tem como. A gente chegou lá com uma ideia de formação de PELC, a Cláudia e eu tinha já estudado alguma coisa diferenciada. Com as conversas com as lideranças deles e como eu já ter ido lá, já visto o que eles sabiam fazer ou não, a gente preparou e mesmo assim, chegou lá... Nossa, a gente não tinha nem o que falar, a gente tinha só que escutar. E foi mais uma coisa deles mostrarem como é que eles podiam gerenciar, porque a gente não tinha muita coisa, a gente até tentou. Foi muito engraçado porque a gente filmou toda a formação. Tem filmado. E registramos com fotos, mas mais filmado, assim, eles fazendo, por exemplo, a primeira vez das meninas indígenas fazendo um jogo de caçador. Muito engraçado, porque a gente dizia: “Tem que fugir da bola.” Elas se olhavam assim, tipo: “O que é isso? Fugir da bola?” Entendeu? Então nós fizemos as nossas brincadeiras tradicionais que eles queriam ver. Eles queriam jogar futebol, eles jogam sempre, mas a gente fez um Câmbio adaptado com os homens indígenas lá... Aquilo lá foi muito engraçado, foi uma coisa interessante, fizemos na água. Eles queriam jogar vôlei, aí fizemos um vôlei no meio do rio, era na água assim e a gente botou uma canoa no

meio para marcar o campo e ficou uma gurizadinha até de oito, dez anos em cima da canoa, no meio do Rio, e eles ficavam de em pé em cima da canoa e ficou um time de um lado e outro time do outro, com quem quisesse. Não tinha limite de campo porque era no meio do rio. E aí jogava a bola e os guris que estavam na rede podiam pegar a bola e jogar para quem eles quisessem. Olha o nível do jogo! E quem estava no rio jogando, o objetivo era assim: pegar a bola e tentar jogar por cima dos guris que estavam em cima da canoa tentando pegar a bola. Era o vôlei que a gente fez no meio do rio, enquanto. Enquanto isso, ficava a gente de tudo que é jeito... Eles faziam outras brincadeiras. Engraçado, nada a ver com o que a gente convencionalmente faz e aquilo foi muito rico.

P.J. - E como foi trazer essa experiência e depois expandir para outro lugar?

M.R. - A dos indígenas? Com a UFMG fica mais fácil porque tem gente que já tem contatos com povos indígenas, que já estudou, e nós começamos a participar de seminários, de encontros. No Mato Grosso conhecemos pessoas que já escrevem sobre isso faz tempo, a Rede Cedes também publicou vários livros com pesquisas e daí tu consegue sistematizar, consegue pensar junto com outras pessoas também, porque na época a gente fez isso, a gente se sentia muito sozinho. E, como eu disse, não estava estudando isso, não é? Nós só fomos ver na prática e tentar adaptar. É mais uma coisa de sentimento assim, mas não tinha nada escrito, nada contextualizado, nada. E aí com essas pessoas que já estudavam faz tempo a gente conseguiu acompanhar um pouco mais para tentar pensar. E também deixamos para quem está mais na ponta, porque eu vi que a gente, para trabalhar ali, precisa estudar bastante. E a gente só tem o que a gente acha.

P.J. - Pois é, e para essas pessoas irem trabalhar lá teve algum edital específico ou alguma coisa que direcionasse mais para essa formação indígena?

M.R. - Os formadores que hoje trabalham com indígenas são poucos, porque fica assim, teve várias formações, mas quem vai trabalhar com disso são pessoas que têm mais contato. Por exemplo, a Khellen²⁴ que tem mais contato, a Carmem²⁵ que está no Pará, que também tem mais contato... Mas é por opção, quem quer trabalhar com o indígena pode

²⁴ Khellen Cristina Pires Correa Soares

²⁵ Carmem Lilia da Cunha Faro.

trabalhar, mas e aí cada formador que quiser tem que estudar, tem que ir atrás. Mas, em geral quem optou por trabalhar com os indígenas são as pessoas que estão mais em contato e convivem mais, não é? Os formadores são vinte hoje.

P.J. - São vinte formadores no Brasil inteiro?

M.R. - São quatro formadores e um articulador por região

P.J. - E tu sabes dizer onde o PELC Indígena?

M.R. - Hoje só tem lá no Pará. Quem fez agora um PELC Indígena? Olha só, aqui em Santa Catarina tem uma comunidade que é descendente de indígena, então, fica bem aproximado assim. Mas eles são descendentes, têm uns costumes mais assim... Então, como agora o PELC está muito em cidades pequenas, é mais fácil de tu achar povos diferenciados. Mas é Mato Grosso, na Bahia, não sei se o pessoal tem algum lá, mas no específico assim...

P.J. - E aqui no Sul?

M.R. - Aqui no Sul teve Santa Maria²⁶, no interior de Santa Maria que fez um PELC que não era indígena, era rural, com os estudantes. A universidade que fez o convênio com o PELC e o PELC era nas comunidades rurais. Foi muito legal aquilo ali também e a faculdade aproveitou para estudar aquelas populações. E um PELC que foi indígena, sim, lá em Santa Maria e eles fizeram também com a universidade. E teve os Jogos Indígenas do Sul, que foram os primeiros quando a Eneida estava na FUNDERGS²⁷. E esse ano não teve verba, mas já teve em função disso também, dessa organização dos povos.

P.J. - E como que são desenvolvidas as atividades de formação na Região Sul hoje?

M.R. - Hoje são só vinte formadores, então a gente faz encontros nacionais, um por semestre, na UFMG em geral ou em Brasília. O último agora foi em novembro, a gente foi

²⁶ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁷ Fundação de Esportes e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

lá em BH²⁸, que foi junto com os formadores e cada encontro se escolhe assim, algumas temáticas para aprofundar, mas é um momento que todo mundo consegue trocar experiências, tirar dúvidas. E os regionais, que são cinco regionais onde os articuladores coordenam ou acompanham as suas regiões. Então eu aqui do Sul, eu tenho quatro formadores que eu que eu acompanho. A gente fez esse ano duas reuniões presenciais aqui em Porto Alegre, a última foi agora, dia 26 de novembro. A gente ficou o dia inteiro, estudou bastante, preparou o Módulo Introdutório 2, que a gente estava meio em dúvida de fazer. As gurias estão agora em Ipatinga²⁹, fazendo o que a gente estudou em novembro, e elas estão lá fazendo na prática e estamos esperando elas voltarem para a gente poder se encontrar e ver se como é que fica.

P.J. - As formações mudaram um pouco de acordo com os editais ao longo do tempo. E essas temáticas, elas também mudaram?

M.R. - Não. Acho que a essência do programa são as mesmas, os objetivos e os conteúdos, eles não mudaram assim, eles só foram qualificados depois que a UFMG entrou. Foram qualificados! Algumas coisas se deu mais ênfase, algumas temáticas viraram tema transversal, eu acho que foi mais isso, foi o aprofundamento, qualificação. Mas mudar, mudar assim, a essência não. Não mudou.

P.J. - E fala um pouco para gente da tua experiência de formadora nas visitas aos núcleos, teve alguma coisa marcante que tu queira compartilhar conosco?

M.R. - Já teve um monte. O que nós mais temos é história, o pessoal aqui do Sul. Como a gente ia em dupla, a gente podia prestar atenção em outras coisas, porque quanto tu vai sozinho fazer um curso de trinta e duas horas, tu fica focado no curso, fica o tempo inteiro fazendo curso o dia inteiro. E à noite tu ainda fica trabalhando para preparar as coisas do outro dia e sistematizar o dia anterior, então, quando a gente está em dupla, enquanto um está fazendo a articulação, o outro está olhando para todo mundo. Então nesses três anos, praticamente de 2006 a 2008, o que nós fizemos aqui no Sul, ganhou, multiplicou a experiência e muito, se comparado com quem só fez sozinho. Na pesquisa de impacto do

²⁸ Belo Horizonte, Minas Gerais.

²⁹ Município do Estado de Minas Gerais.

PELC que a gente fez uma pesquisa do PELC aqui de Porto Alegre e do o PELC de Ubá, cidade do interior de Minas Gerais, porque lá tinha uma faculdade lá que gerenciava o PELC. A gente achou que lá era muito diferente do que a gente já tinha visto pelo Brasil, era muito legal, muito envolvimento, era uma coisa bem PELC mesmo. E nós pegamos Ubá e Porto Alegre e fizemos essa pesquisa tipo vendo se o impacto do o PELC dependia de ser uma cidade grande ou uma cidade pequena ou se dependia da formação. E aí a gente fez uma pesquisa com bastante gente, acho que foram oitocentas e poucas entrevistas que a gente fez nas duas cidades. Tivemos ajuda do pessoal lá da faculdade, mas a gente concentrou aqui para ter uma ideia e, sabe, que até hoje as declarações, as entrevistas que são muito parecidas. Por isso que eu digo que o PELC a essência não mudou muito não, porque o que a gente ouve das pessoas da ponta é praticamente as mesmas coisas. E a pesquisa está aí, não foi publicada ainda, só foi apresentada em Congresso. E até uma das pessoas que trabalhava no PELC, eu acho que era a coordenadora de núcleo lá de Ubá, ela, virou secretária municipal. E assim é, São coisas que o PELC que fez nas cidades pequenas na época, que são bem emblemáticas também. O PELC Ivoti³⁰ também teve um crescimento muito bom, Feliz³¹ também, e as cidades se organizaram depois do Programa com as Secretarias de Esporte. Tem muitas histórias...

P.J. - Essa análise do impacto foi uma demanda de vocês mesmo?

M.R. - Não, foi da Rejane.

P.J. - E tu tem ideia se foi feito em mais algum lugar?

M.R. - Foi. A gente fez essa extraoficialmente. A gente não estava vinculada a nenhuma faculdade, nós fizemos a pedido da Secretária Rejane para poder também subsidiar as nossas formações. Depois disso, sim, aí começou quando a universidade entrou, não é? Aí muita gente começou a pesquisar o PELC que ele ficou também com maior visibilidade. Então, muitos alunos, claro, como os professores da faculdade estavam vinculados ao

³⁰ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

³¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

Programa, nada mais óbvio eles fomentarem os seus alunos para fazerem pesquisas sobre o PELC, não é? Então teve muitos estudos, assim, de TCC³² em relação ao PELC.

P.J. - E tu comentou um pouco que essa coisa mais regional já está ultrapassando algumas fronteiras. Em que regiões hoje os formadores do Sul estão atuando

M.R. - Hoje o aspecto regional não é mais um delimitador assim, não tem mais porque como são só vinte formadores e depende de tempo porque os formadores do PELC, eles não fazem só isso. A maioria estava vinculada a alguma universidade, eles têm também algum trabalho em Secretaria de Esportes, então, às vezes calha que a pessoa não está disponível para fazer naquele momento que tem formação, que seria tipo assim, dela fazer. Então A UFMG gerencia isso e, como são só 20 no Brasil inteiro, na hora que chegou a formação, se o da vez não pode, vai outro. É claro que a proximidade regional facilita a questão da logística, mas a preferência é de quem fez a formação no Módulo Introdutório e conheceu a cidade e então continua acompanhando a cidade que fica mais fácil, mas não é mais assim. Por exemplo hoje a Keni³³, que é de São Paulo, está com a Eneida em Ipatinga. O Gilmar foi para o Ceará, a Silvana foi para o Ceará na semana passada. Não tem mais as Fronteiras agora, a Silvana está morando na Bahia, fazendo o curso na Bahia, mora em Caxias e faz a formação no Ceará. Quer dizer, não tem fronteiras...

P.J. - Teve alguma região ou cidade de destaque, alguma formação que se destacou nesse tempo que tu vem trabalhando no PELC?

M.R. - Do PELC indígena, o que eu presenciei, que eu vivenciei mais foi praticamente no Norte. Tivemos nossa experiência toda documentada e fica mais fácil de outras pessoas verem e cada um, claro, olha as coisas de um jeito. Então mesmo a gente tendo ido lá, a Cláudia e eu, e organizado a formação, tendo filmado, o nosso olhar é diferente. Qualquer pessoa pode olhar, entrar em contato com aquele material e também ter outras sensações, ver as coisas de outro jeito... Eu acho que isso é um balizador, como foi uma demanda da Secretária, acho que para mim foi mais marcante.

³² Trabalho de Conclusão de Curso.

³³ Keni Tatiana Vazzoler Areia.

P.J. - Tu tens ideia de quantas formações tu já participou nesse tempo todo?

M.R. - Nem pensar.

P.J. - E aqui no Sul, tu sabe me dizer quantas formações são feitas por semestre?

M.R. - Depende da época, não é? Quando começou o PELC aqui, que a gente começou a fazer formações em 2006... Claro que teve os pilotos antes, em 2003, 2004, mas a gente fazia bastante. Como a gente se dividia também em dupla, a gente ia bastante também. E era explosivo, assim, que era do Sul, fazia do Sul e tinha bastante convênio aqui no Sul, mas hoje não tem convênio no Sul, tem *pouquíssimo* convênio. Hoje tem mais convênios no Nordeste. Então, a desde que a Secretaria do Desenvolvimento de Esporte e Lazer foi extinta, teve uma alteração no Ministério em 2005, não em 2011, aí mudou muito assim, não tem mais uma Secretaria que cuida só do PELC, como tinha antes. O PELC que está em outra Secretaria, om outras ações e a verba, claro, foi diferente. E teve contingenciamento, tem questões políticas envolvidas de repente que atrapalha, mas ficou difícil de fazer conveniamento desde que não teve mais com ONG.³⁴ Antes podia ONG, associação, podia fazer convênio com PELC, não dá mais desde que entrou a SICONV também e uma regra nacional para conveniamento. E aí fazer convênios com prefeituras dificulta porque a prefeitura tem dificuldade de contratar pessoas para trabalhar, tem licitação para fazer e está acontecendo que a burocracia está atrasando. Eles passam no edital, são aprovados em edital, as prefeituras, e não conseguem conveniar. Não conseguem começar o Programa e aí troca o governo, aí desistem, aí o outro não quer pegar porque foi o outro que fez. Quer dizer, não tem muito convênio, não, e isso é preocupante, porque é um programa que tinha. Chegou a ter várias cidades que queriam. A ideia era que cada cidade do Brasil tivesse pelo menos uma vez o convênio para depois se repensar em se autogerenciar, hoje está bem pouco. Ainda bem que tem a UFMG que faz com que, apesar de ser poucos convênios, eles é são qualificados. E isso traz uma outra maneira de divulgar e de ampliar o Programa. Então acho que hoje o Programa está mais pela formação mesmo, pela capacidade de multiplicar essa questão do lazer no Brasil, do que chegar o PELC, chegar em bloco lá, chegar na prática, porque por causa das questões de conveniamento. Então o Sul hoje está com pouquíssimos. Esse ano, para se ter uma

³⁴ Organização Não-Governamental.

ideia, a gente só fez vinte formações. E são quatro pessoas, deu cinco, seis para cada pessoa enquanto no Nordeste deu muito mais. No Centro-Oeste deu pouquinho também, e agora nesse momento ainda não tem mais pagamentos que está no fim do ano. Tem que fazer outro edital que estava preparado para fazer em janeiro, não sei se vai sair, mas é preocupante. O futuro, a expansão, a continuidade, porque muitos das formações que nós fizemos agora foi de avaliação que é a última, vai acabar o convênio. E o Sul vai ficar com poucos e vai ficar com menos. Ano que vem precisa de mais convênios.

P.J. - E teve alguma experiência negativa, alguma experiência que não deu certo nessas formações?

M.R. - Sim.

P.J. - Cita uma para gente?

M.R. - Não é de falar mal assim, porque todas são experiências boas, as pessoas se envolvem, procuram mais, mas às vezes elas têm barreiras políticas, têm coisas de conhecimento também, de troca de pessoas, de importância. Eu sei que a Eneida se queixa muito de Dourados, um PELC Indígena no Mato Grosso do Sul e que ela fez a formação e ficou esperando para fazer o Módulo de Avaliação e não aconteceu. Então às vezes o formador se prepara, todo o convênio está andando e quando chega na hora dele fazer, o último módulo da avaliação para ver como é que foi, não sai. Não sai porque acabou ou porque o pessoal se passou na época, sabe, e o Programa acaba e ninguém fica. O formador, não vai fazer a revisão, não tem um retorno, *feedback* nenhum. Então teve alguns que foram assim.

P.J. - E vocês não tem esse acompanhamento, por exemplo, se interrompeu o Programa?

M.R. - A gente tem, mas não pode interferir. Não pode, por mais que o Ministério fique dizendo assim: “Pessoal, está na hora de vocês fazerem a avaliação.” E aí, o tempo, eles perdem porque não conseguem se organizar ou porque está na época de um processo eleitoral ou porque está na época de uma troca de governo, ou porque o Secretário saiu e tudo. Até a pessoa que entrar em uma prefeitura se dar conta de que tem, acabou e perdeu o

prazo, entendeu? Tem o prazo, tem o SICONV, tem que devolver dinheiro.... É que nem aqui no Rio Grande do Sul, eram cem núcleos, era para cem cidades, entendeu? Não cem cidades, mas muitas cidades que iam envolver cem núcleos. Era muita gente contratada e o dinheiro todo estava na conta e não saiu. Não saiu porque trocou o governo e quem assumiu, não achou assim, não conseguiu... Porque é difícil, não é fácil. Então o Rio Grande do Sul ia ter, a ideia era continuar, mas não deu, infelizmente.

P.J. - Tu citou a pesquisa que vocês fizeram e tu tem muita estrada no PELC. Na tua opinião, como que o PELC tem impactado nas cidades onde ele acontece?

M.R. - Eu acho que o maior impacto é as pessoas, é trabalho de formiguinha, trabalho de boca a boca porque o PELC nunca conseguiu envolver assim divulgação, nunca envolveu mídia. Televisão? Nem pensar. Então eu acho que essa questão da mídia aqui para nós no Brasil, ela direciona muito, ela dita as regras demais, sabe? E acho que as pessoas estão, infelizmente as pessoas são muito desinformadas, então como é no boca a boca ou como a mídia. A mídia lança uma notícia e as pessoas interpretam de forma do seu umbigo e falam coisas que são inverdades e fica no disque-disque que é muito chato. A verdade parece que nunca aparece assim, porque a verdade para mim não é a mesma para ti. Então, conforme o contexto onde a pessoa vive, o que é o seu umbiguinho e o seu arredor, as coisas são veiculadas e o PELC que eu acho ele é importante para as comunidades que estão envolvidas. Infelizmente ele não é divulgado, ele não é assim... Por isso que ele não é um programa que é nacional, que é dado mais importância para ele, porque as pessoas, eu não sei, acho que acho que ele é muito local. Têm algumas consequências, mas são coisas particulares. A gente não consegue muita visibilidade. Tem um agora que foi Paraná, Quarto Centenário³⁵, acabou ano passado e o prefeito, que é uma pessoa maravilhosa... Quem fez o projeto foi a Secretária de Educação e Esporte, quando acabou o PELC, ele continuou. Acabou o PELC, mas ele contratou professoras para fazer as atividades. E ele continua, e ele só não está com o PELC, mas ele conseguiu usar o PELC que aconteceu lá para continuar na cidade com política. Semelhante, apesar de não ser do mesmo partido, de não ser coisa partidária, ele prossegue. E agora eu vi, que ele é meu amigo de *Face*³⁶, que o Prefeito conseguiu mais de um milhão de reais do governo para aplicar na cidade, que é

³⁵ Município do Estado do Paraná.

³⁶ Referência ao Facebook.

um município de quatro mil habitantes. São duas ruas. Eu brinco com eles, são duas ruas. E eles estão conseguindo mais de um milhão de reais. Para mim é uma coisa fantástica. E ele é atualizadíssimo, está sempre indo atrás... Nossa, aquilo ali... As agentes lá são todas universitárias, tinha as gurias que eram mais velhas, mas todas com história na cidade, todas envolvidas com a comunidade. Então lá para mim continua, não é o PELC, infelizmente não tem uma divulgação, mas a gente sabe que o PELC passou ali. As coisas do PELC estão lá, as caixas de som, o computador, as salas que a gente arrumou, ele reformou. Ele construiu na época do PELC, uma sala de balé, botou espelho na sala, arrumou no Centro Cultural e a sala está lá e ele contratou a professora de balé, continuou depois que acabou o PELC. Então, essas coisas têm importância.

P.J. - E o que tu destacaria como o principal ponto do PELC?

M.R. - A ideia toda inicial é a comunidade. É a comunidade, tanto que a ideia de ser agentes da comunidade que morassem perto, que convivesse, que resolvesse os problemas, não sozinhos. Os agentes não precisavam ser profissionais de Educação Física, podia ser liderança comunitária. Algum estudante ou profissional, sim, claro, para balizar, mas que não fosse a pessoa... A coisa principal do PELC é a ação comunitária, o trabalho coletivo, e isso muito por agora estar, a questão do CREF³⁷ também, de ser obrigação para trabalhar com as práticas corporais, ser profissional de Educação Física... De não ter nas cidades de interior pequenas, profissional de Educação Física para estar atuando também inviabiliza o Programa. Tem cidades nossas, gaúchas, que a gente não tem e para trabalhar pelo valor de bolsa, o profissional não vai. E aí quando o aluno, ele tem outras prioridades, ele é bolsista, ele tem trabalho na faculdade, tem TCC, então ele não se dedica muito, ele não tem assim, que nem um cara da comunidade, ele teria um tempo que não é só o tempo do programa. Um tempo de contratação, vinte horas, quarenta horas, ele teria um tempo de envolvimento. E esse tempo de envolvimento que está se perdendo agora nesse estágio atual, que eu acho que é esse tempo de envolvimento comunitário. E aí é difícil para a gente se ele não mora, ele não se envolve, ele não vai nem conhecer a comunidade, porque ele não tem o tempo, ele faz o trabalho e vai embora, entendeu? E isso não era para ser assim. A ideia original era que a comunidade assumisse aquilo ali, assumisse para si

³⁷ Conselho Regional de Educação Física.

mesmo. Com ou sem profissional estando lá. O profissional era um bônus para dar o caminho, mas que depois pudesse seguir sozinho aí. Isso eu acho que está...

P.J. - E nessa perspectiva, tu acha que o PELC vem cumprindo esse papel da inclusão social dele?

M.R. - Acho que sim. Nas cidades que têm PELC, porque não tem quase nada mais, porque eu acho que as prefeituras, elas não têm uma verba. Primeiro que não tem muita prefeitura, que tem uma Secretaria sozinha de esporte, muito menos de lazer. Lazer é... Mais penduricário que tem nas Secretarias é educação, turismo, esporte, tudo... Até em Corpo de Bombeiros já foi o PELC. Então, eu acho que não tem verba, não tem mesmo, os prefeitos não têm dinheiro para fazer, para investir no programa de lazer. Porque talvez não enxergue o tanto de benefício que vai dar, porque é um trabalho que demora, o investimento todo, o trabalho de educação, ele demora muito, de convencimento e tal. Por isso que o Programa antes era de um ano, depois com dois anos, agora é mais, porque precisamos de um tempo. Mas eu acho a verba realmente ela não existe. E aí, o Programa, com aquela ideia de autogestão, então quando acaba, como é que a cidade vai se organizar para continuar com o Programa? Pois é, mas com que dinheiro? Eles têm dificuldades têm mesmo! E a gente pensou que, de repente, com a universidade junto era mais fácil de expandir isso, que nem é agora. Olha quantos trabalhos tem, só do PELC tem muitos trabalhos nos congressos que a gente vai. O próprio ENAREL³⁸ agora, que foi em novembro, quantos trabalhos que tinham de PELC! Graças à UFMG de estar junto, com outro olhar, infelizmente, a parte comunitária não está tão assim, deveria ser.

P.J. - Na tua opinião o que seria possível fazer para qualificar mais o Programa?

M.R. - Para qualificar, assim, em termos de investimento? Investimento é o sonho da Rejane. Que fosse uma política, que tivesse um projeto de lei qualquer que transformasse em um programa que poderia haver uma verba destinada. Mas parece que não está tão fácil assim... O jeito que que na época deu para qualificar foi envolver a universidade, porque pelo menos na parte pedagógica se podia fazer o que está se tentando fazer. Um país desse tamanho, com mais de cinco mil cidades, se pudesse botar um programa desse, mas olha o

³⁸ Encontro Nacional de Recreação e Lazer.

dinheiro! Ele vem da ONU³⁹, o dinheiro, então, as prioridades, no caso de verba, elas não... Esse ano, então, com Olimpíada... Tem muito dinheiro no Brasil, mas o problema é assim: quem sabe do PELC é só alguns políticos que passaram pelo PELC e que vão dar uma outra importância. E também não é assim, quando tu tem poder, eu acho que tu não consegue fazer muitas coisas. A gente fica pensando: tomara que o fulano tenha um dia o poder porque daí quando ele tiver no poder, ele é uma pessoa que acredita na democracia, na inclusão... E quando a pessoa vai lá e consegue um cargo e está tão pendurado com outras obrigações, que desvia, entendeu? Desvia a atenção. Não é por maldade, mas às vezes a pessoa não consegue fazer aquilo porque tem outras coisas mais importantes para fazer e que é a mais cobrada. Então, é um programa que. Eu não sei, gurias, como é que pode ser? Faço o que se pode.

P.J. - Maria Leonor, tem alguma coisa que a gente não te perguntou e que tu gostaria de compartilhar conosco?

M.R. - não, acho que falamos bastante.

P.J. - Então, mais uma vez, muito obrigada por essa entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁹ Organização das Nações Unidas.